

Letras. (fim de 1930)

As teclas da maquina de escrever sao marcadas por tres tipos de signos: por ideogramas, (por exemplo "2"), por signos operacionais, (po exemplo "/"), e por letras, (por exemplo "a"). Ideogramas significam ideias, signos operacionais significam ~~regras~~ regras do jogo da escrita, e letras significam sons falados. A literatura, como seu nome indica, e composta sobretudo de letras. Pois isto e sorprendente. Por que de letras, emvez de ideogramas, (como o e o caso na China)? As letras tornam visiveis os sons de linguas faladas, as quais, por sua vez, significam ideias. Por que nao escrever tais ideias diretamente, emvez de passar pela volta comprida atravez a lingua? E os ideogramas, alem de serem mais diretos, tem outras vantagens. Por exemplo: sao translinguisticas, permitem serem decifrados por nao importa que leitor, ("2" pode ser lido como "dois", "two", "deux" ou "zwei"). Ou: sao economicos, ("2" exige menos tracos que "dois"). Os inventores das letras devem ter tido motivos fortes para inventar codigo tao aberrante quanto o e o alfabeto.

Tais inventoras eram semitas do segundo milenio antes de Cristo, e a origem semitica das letras continua sorvivel. O "A", (alpha) continua apontando os chifres do touro semitico, (em hebraico "alef"), contra o solo. O "B", (beta) continua exibindo as cupolas da casa semitica, (em hebraico "beith"). E o "C", (gama), continua se curvando como o camelo semitico, (em hebraico "gimul"). Somos todos semitas, nos os ocidentais, nao apenas por serem nossos mitos fundamentais de origem semitica, mas porque escrevemos, (e portanto pensamos), por intermedio de letras. Alias, e curioso que as formas das letras originais se tenham conservado durante estes milenios todos. Sao provavelmente os objetos culturais mais antigos e mais arcaicos aos quais recorreremos diariamente. As letras continuam mostrando que originalmente eram pictogramas de objetos, (de touros, de casas, de camelos), e que mais tarde foram transcodadas para significarem o primeiro som da palavra semitica que designa tais objetos.

Nao indagarei aqui como o pictograma do touro evoluiu, em desenvolvimento milenar, e passando por ideogramas, hieroglifos e outros codigos, para se tornar a letra "A" que conhecemos atualmente. Seria historia longa demais, embora historia apaixonante. Perguntarei, isto sim, quais os motivos que levaram os inventores do alfabeto para percorrerem tal caminho comprido e involuto. A resposta e evidente: para poderem escrever como falam, e tudo que falam.

.....

Falar e discorrer: a fala flui da boca do falante rumo ao ouvido do ouvinte. O alfabeto e codigo para tornar visual tal linearidade discursiva. Pois o discurso falado significa ideias. O alfabeto e codigo para tornar visual tal desenvolvimento linear de ideias. Isto nao pode ser feito por ideogramas. Estes tornam visiveis ideias vistas por olho "interno", nao as desenvolvem. Quem quer criticar ideias, (explicitar o implicito nelas), se ve obrigado a escrever particoes da fala. Pois este e o motivo fundamental dos inventores do alfabeto: criticar ideias, ao tornar as costa a visao interna, (a teoria), ao abrir-se para a boca e o ouvido, para finalmente voltar para a vista. Ouvir primeiro, e depois tornar

visual o auditivo. E não será precisamente isto o Deus da Escrita sagrada: o Invisível que fala e que se torna visível por Sua escrita?

No entanto: a fala não é caracterizada apenas pela sua discursividade, (pelo seu "como"). É caracterizada pelo seu "o que", pelos seus enunciados. Análise adequada sugere que todos os enunciados falados podem ser reduzidos a três tipos: afirmativas, comandos, e perguntas. O alfabeto deve poder notar isto. Para fazê-lo inventou três signos, que não são letras, (signos de sons), mas fonogramas, (signos da intonação da voz falante): a saber ".", "!", e "?". Por isto a literatura pode ser considerada partições de afirmativas, comandos e perguntas. É por isto que a escrita alfabética se dirige linearmente rumo a um ponto de exclamação, de interrogação, ou um ponto final. São estas suas metas.

Escrever alfabeticamente tem por propósito criticar ideias, (a idolatria), e para fazê-lo torna-se partição da fala. O resultado de tal método é a teologia, a filosofia, a poesia, a política, a ciência, (e a técnica dela decorrente), em suma: a literatura do Ocidente. De modo que letras são invenção poderosa, a despeito das suas desvantagens em comparação com ideogramas.

.....

Deve ser confessado, no entanto, que se o propósito do alfabeto é o de escrever como se fala e o que se fala, isto não foi conseguido. Não escrevemos nem como falamos, nem o que falamos. Não como porque as letras representam os sons de maneira aproximada e esquivada apenas, os representam convencionalmente. E não escrevemos o que falamos, porque pensamos diferentemente. Por certo: pensamos discursivamente em ambos os gestos. Mas a fala é discurso errático, involuto e convulso, que esbarra contra outras falas, e que desemboca finalmente no silêncio individual e/ou coletivo. A escrita, pelo contrário, é discurso ordenado e retilíneo que demanda univocamente ponto de exclamação, de interrogação ou final. O pensamento estruturado pela fala é "mítico", o pela escrita é "lógico", ordenado por regras concientizadas. Na realidade, ao escrevermos não estamos transpondo o pensamento de sons para letras, mas estamos canalizando as convulsões do pensamento mítico pelas linhas regradadas da escrita. Estamos mudando a estrutura do pensamento. Por certo: o escrito pode ser lido de voz alta. Mas neste caso não estaremos falando, mas soletrando.

Soletrar é o gesto de pegar letra por letra, afim de alinhá-las. Conhecemos tal gesto de contexto diferente: e o fazer adições, contas. O gesto de calcular, juntar pedrinhas, ("calculus"=pedrinha). Pois dispomos de códigos que são mais eficazes que o alfabeto para fazê-lo: o código da lógica simbólica e o das cifras. De fato: tais códigos permitem, melhor que o alfabeto, canalizar o pensamento em linhas ordenadas. No entanto, o alfabeto tem a seguinte vantagem sobre os dois códigos ideográficos mencionados: ao fazer contas, escreve contos. "Conta" nos dois significados do termo. Pode fazê-lo, porque juntar letras, ao contrário de juntar símbolos lógicos ou cifras, produz novo universo de significado. Exemplo: se escrevo "1+1", terei permanecido no universo de significado das cifras soltas. Mas se escrevo: "da", terei escrito palavra portuguesa, e não apenas adição de dois sons falados.

A escrita alfabetica conta letras para escrever contos. Des-mitiza o pensamento da fala, nao apenas por calculo, mas igualmente ^{por} contar historias: historiciza o mito. Calculos matematicos e logicos analisam ideias, (imagens), e portanto des-magicizam, (criticam imagens). O alfabeto, por analisar mitos, por traduzi-los em historias, critica nao apenas os mitos, mas igualmente a magia da qual os mitos falam. Des-magicisa atraves a fala. Se definirmos "historia" enquanto processo de desmitizacao e desmagicizacao progressiva, a historia se inicia pela invencao do alfabeto.

Os enunciados da fala, (do mito), podem ser classificados em afirmativas, comandos, e perguntas. O alfabeto concede o lugar central as afirmativas. As historias, aos contos. Os comandos, os mandamentos, os ritos visam, para o alfabeto, a serem contados. E as perguntas a serem respondidas por contos. Porque, para o alfabeto, historias e contos sao explicacoes do implicito nos comandos e nas perguntas. A literatura toda pode ser concebida como explicacao, historia, conto, daquilo que estava implicito nos comandos e nas perguntas dos mitos. Os pontos de exclamacao e de interrogacao do alfabeto nao passam de signos auxiliares do ponto final, rumo ao qual a literatura, a historia ^{cont} "tout" esta se dirigindo com velocidade acelerada. Durante o curso de tal historia acreditava-se que tal ponto final sera alcancado apenas quando todas as perguntas possiveis, e todos os comandos, ("valores"), possiveis terao sido explicadas, isto e: nao sera jamais alcancado. Atualmente comecemos a suspeitar que o ponto final e alcancado quando a humanidade se tiver cansado das explicacoes que nos inundam em quantidades indigestas. Comecemos a suspeitar que o ponto final da literatura, da historia, esta ao nosso alcance. Que o codigo das letras deve ser abandonado, e de fato sera abandonado em prol de codigos magicos, (como o sao as imagens tecnicas), e de codigos ideograficos programadores de tais imagens, (como o sao os codigos de computadores). Cansados de soletrarmos, cansados das explicações, queremos voltar para os mitos, as imagens que falam.

.....

O alfabeto escreve os sons da fala, afim de canalizar o significado da fala, as ideias, os pensamentos. Submete-os as regras ortograficas, (da escrita correta). Visa corrigir as ideias. De maneira que, para o escritor, a lingua nao e um meio de comunicacao, como ela o e para o falante. O meio de comunicacao do escritor e o alfabeto, e a lingua falada, para ele, e o objeto a ser trabalhado. Com a invencao do alfabeto a lingua tornou-se objeto a ser manipulado para adequar-se as regras da escrita, do pensamento "correto". A lingua e coisa, materia, "especialidade" de escritores. No entanto, nao e facil "coisificar", reificar, objetivar a lingua. Ela e viva, e resiste as tentativas de ser violentada pela escrita. E toda lingua falada resiste a sua maneira. O portuguez e traicoeiro, o alemao escorregadico, o inglez quebradico. Ao querer corrigir a lingua, o escritor entra em luta amorosa, durante a qual a lingua o seduz, na medida na qual ele a violenta. Tal "odi et amo" e o clima existencial da literatura.

Durante tal luta amorosa a lingua revela as suas virtualidades secretas. Porque as cadeias das regras que o escritor lhe impoe a obrigam a contorcoes in-

Usitadas.

A critica literaria chama tais contorcoes "criacao linguistica", "nova forma literaria", e "poesia". Na realidade, o escritor obriga a lingua a movimentos inusitados, portanto "informativos". O escritor violenta a lingua afim de exprimir dela as informacoes secretas. Mas nao se creia que tal producao de informacoes por parte do escritor e operacao informatica, fria. Pelo contrario: o escritor preme as suas letras mortas contra o corpo vivo da lingua, afim que as letras se possam encher de vida. O escritor se esforca a dar vida a letra morta. Dai a sua vertigem criadora.

Nenhuma lingua a ser violentada por escritor e virgem. Todas elas passaram pelas camas de incontaveis escritores precedentas, que nelas deixaram suas marcas. As informacoes que o escritor cria nao sao criadas a partir de um material virgem mitico, (de uma fala "pura"), mas a partir de informacoes precedentemente elaboradas. Nao e o mito "puro" que o escritor trabalha, mas mito ja elaborado em letras. O alemao e o italiano a ser trabalhado nao brotou das ditas "origens", mas dos escritorios de Carlos IV e da Toscana de Dante. (E isto o significado da celebre sentenca que poemas nao tratam de sentimentos ou pensamentos, mas de poemas precedentes.) Por isto a vertigem criadora do escritor nao e discurso solitario, (por mais que o proprio escritor o queira), mas parte de dialogo da historia da literatura. Os escritores recebem, (lem), as informacoes precedentes, as elaboram, (impoem sua propria marca), e transmitem para escritores futuros. A literatura e cadeia da qual todo escritor individual produz um elo. Escrever e engajar-se em dialogo, em historia, em informacao progressiva.

O engajamento do escritor e modificar a lingua falada em conjunto com todos os demais escritores. Pois quem modifica a lingua falada, modifica o pensamento, e a acao que se segue ao pensamento. Ao lutar, em sua solidao, contra a lingua amada, o escritor esta de fato engajado em revolucao permanente de todos os escritores contra todas as linguas. Em orgasmo linguistico permanente e coletivo. Se e quando o codigo alfabetico for abandonado em prol de codigos mais "eficazes", (por exemplo os digitais), tal orgasmo linguistico sossegara, para ceder seu lugar a um orgasmo de outro tipo. As letras nasceram mortas, para serem vivificadas orgasticamente por escritores. A fantasia se recusa a imaginar a morte das letras mortas.